

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Dona Santa e Madalena: performance e memória de matriarcas e rainhas de maracatu

Isabel Cristina Martins Guillen¹

Resumo: Este trabalho busca discutir como, através do jogo de memórias e representações Dona Santa e Dona Madalena, rainhas de maracatu em tempos distintos, encenaram seu lugar social como matriarcas da cultura afro-descendente. Com essas performances, ambas construíram, através das inflexões de gênero e etnia, um lugar social para si bastante destacado legitimando a autoridade religiosa e a condição de “monarcas de uma nação”.

Palavras-chave: Maracatu-nação – matriarcado - cultura afro-descendente - cultura popular - Recife.

Abstract: This work searches to discuss how, through the game of memories and representations, Dona Santa and Dona Madalena - queens of maracatu in different times- have played their social place as matriarchs of the african-descendant culture. With these performances, both have constructed, through the inflections of gender and ethnic group, a very prominent social place for themselves, legitimizing the religious authority and the condition of "monarchs of a nation".

Key-words: maracatu-nação – matriarch - afro-descendant culture - popular culture - Recife.

Jogo de memórias

Memórias podem se constituir em poderoso instrumento de legitimação social e consolidação dos papéis sociais. Se elas traduzem a verdade ou não, é uma questão que diminui a importância do jogo político que instituem, e que é sem dúvida muito mais interessante para se pensar. No Recife, circula uma série de histórias, principalmente entre os mais velhos participantes dos maracatus-nação ou filhos e filhas de terreiros consagrados, que são exemplares para discutir essas questões e outras correlatas. Essa história foi narrada, em forma de contos diversos, por Ronaldo Correa de Brito, um deles, publicado no *Terra Magazine* do dia 24 de janeiro de 2007, resume o que se conta sobre duas grandes personagens da história dos maracatus: Dona Santa e Dona Madalena.

Dona Santa foi durante décadas rainha do Maracatu Elefante. Nascida em 1877, Júlia do Nascimento, ganhou o apelido de Santinha ainda jovem, e era também bastante jovem quando foi escolhida para ser rainha do Maracatu Leão Coroado, de cujo cetro teria renunciado alguns anos depois para acompanhar seu marido, Vitorino, que se tornaria o

¹ Professora do Departamento de História da UFPE, doutora em História pela UNICAMP.

“dono” do Maracatu Elefante. Quando Vitorino morre no final dos anos 1920, Dona Santa já era uma senhora entrada em anos, afamada mãe de santo e juremeira. Na década de 1940, a rainha consolida sua imagem através de uma série de relações que estabelece com intelectuais locais, bem como com políticos, jornalistas e escritores (GUILLEN, 2003). Foi apenas em 1947, segundo relata Guerra Peixe (1980), em seu *Maracatu do Recife*, que Dona Santa foi coroada, na sede do maracatu mesmo. Quando morre em 1962, era tida e reputada como símbolo da cultura afro-descendente de Pernambuco, como matriarca e rainha de maracatu, como guardiã de uma tradição que, inevitavelmente, desaparecia com sua morte.



Dona Santa e Eudes
Foto de Lula Cardos Ayres

Dona Madalena, nessa ocasião, era jovem e tinha sido recentemente escolhida para ser rainha de um maracatu também novo, o Indiano. Maracatu novo porque o Indiano até o início dos anos 1960 era um maracatu de orquestra, assim como o Cambinda Estrela e o Almirante do Forte, que teriam virado seus baques por pressão da Federação Carnavalesca, folcloristas e tradicionalistas de plantão que consideravam aqueles maracatus como uma descaracterização dos autênticos e legítimos maracatus africanos.

Não é demais destacar que esse processo é extremamente tenso e conflituoso. Desde o início da década de 1930, quando começaram a aparecer pela periferia da cidade do Recife, os maracatus de orquestra suscitaram medos (as crianças morriam de pavor dos caboclos de lança) e polêmicas. Até a década de 1970, quando se quis proibir que desfilassem pela cidade no carnaval, não eram tidos como autênticos maracatus, muito menos dignos de figurar como partícipes da tradição e da cultura popular pernambucana. Na década de 1940 e

1950 enfrentaram acirrada oposição de Mário Melo, jornalista de pena virulenta e por muitos anos diretor da Federação Carnavalesca. Teria sido Mário Melo o responsável pela transformação de alguns maracatus de orquestra que teriam virado seu baque? Este é um processo que ainda demanda muitas pesquisas, mas importa para nossa discussão que é nesse contexto que Madalena é escolhida rainha do Indiano, um maracatu que não era, consideremos, muito legítimo aos olhos da tradição... Depois do Indiano, Madalena foi também rainha do Leão Coroado e na segunda metade da década de 1970 foi rainha do Estrela Brilhante. Quando deixou este último maracatu, Madalena ficou sem “trono”, e foi nesse contexto que se deu o ressurgimento do antigo Elefante, em 1986.

Foi assim, em meio a um debate sobre quais seriam as legítimas tradições africanas que sobreviviam, que Dona Madalena narrava a história que ainda hoje se pode ler na forma de contos e crônicas. Uma história em que Dona Santa e Dona Madalena ocupam papéis sociais que o jogo de memória consolida e justifica. No entanto, para se entender a dinâmica desse jogo, é importante destacar qual o papel que o maracatu e o trono real ocupam na vida dessas mulheres negras.

Desde Dona Santa, o lugar de rainha de maracatu se consolidou como um posto real, com toda a majestade que lhe é correlata. Se nos anos 1930 Lucilo Varejão podia afirmar que eram “reis de mentira”, Dona Santa nas décadas seguintes vai conferir a esse papel uma dignidade em que se acoplam mitos, ritos e histórias em que elementos das religiões afro-descendentes se misturam a uma tradição africana em que o lugar de matriarca tem autoridade destacada. Assim, essas duas mulheres negras, ao ocupar o cargo de rainha de maracatu consolidavam autoridade religiosa entre seus filhos e filhas de santo, ou afilhados da jurema, como matriarcas de uma “nação africana”. Essa condição tradicional, por sua vez, conferia uma visibilidade e legitimidade social, para além dos círculos das comunidades de afro-descendentes que poucos conseguiam ocupar.

Madalena: Uma rainha sem coroa

Respaldada na autoridade de Dona Santa, Maria Madalena vai colocar em circulação um jogo de memória que a legitimava como herdeira e sucessora. A história de como Dona Santa teria se oferecido para coroá-la como rainha do Maracatu Indiano foi repetida muitas vezes, em diversos meios de imprensa e mídia. Em uma importante entrevista que concedeu ao Diário de Pernambuco, em 18 de fevereiro de 1979, Dona Madalena conta que “faltou muito pouco para que recebesse o cetro diretamente das mãos de Santa (...) que dias antes de sua morte prometera a Madá coroa-la, dentro dos padrões ortodoxos, como

rainha do maracatu, em frente à Igreja do Rosário, com a presença de caboclinhos e maracatus.” Segundo a repórter, Graça Gouveia, quem conhece Madá entende porque Dona Santa a teria escolhido, pois dona de uma personalidade forte, teatral e autoritária, a rainha com certeza tinha majestade. Nessa reportagem Madá afirma que nessa época era rainha do Leão Coroado (há controvérsias) e que as pessoas diziam que Dona Santa não gostava de Madá, que existia uma forte rivalidade entre as duas.



Maria Madalena
Foto de Pio Figueirôa

Numa das famosas festas de aniversário do Elefante, que Dona Santa promovia todo ano no dia 15 de novembro, Madalena resolveu tirar essa história a limpo. E foi com todo seu cortejo real lhe acompanhando. Visita de rainha para rainha. Diz Madá que Dona Santa a recebeu muito bem. Já chegando na sede do Elefante Dona Santa mandou uma delegação do Elefante se encontrar com Madá, e após todo um ritual de cruzamento de bandeiras, movimentos de cetros e espadas, enfim, performance real cumprida, Dona Santa teria tomado aquele gesto como reconhecimento de Madalena de sua autoridade e senioridade e se ofereceu para coroa-la: “Você sabe como se coroa uma rainha, minha filha? Pois então vou lhe ensinar” Mas Dona Santa morreu antes, e Madalena ficou como rainha, mas sem coroação. Mas esta era uma história que rendia a Madalena dignidade e legitimidade entre os que faziam a tradição nos maracatus-nação do Recife.

Dona Madalena teve uma vida bastante longa, e não perdeu a oportunidade de repetir essa performance que viveu com Dona Santa. Quem me contou essa história foi a atual rainha do Estrela Brilhante do Recife, Marivalda. Disse-me ela que Madalena se ofereceu para coroa-la, tal como tinha aprendido com Dona Santa, e mandou Marivalda cumprir uma série de rituais de limpeza e obrigações para com os orixás. Enquanto a rainha do Estrela Brilhante

cuidava disso, Madalena morreu. Tragédia para Marivalda que não foi coroada pela legítima sucessora de Dona Santa. E teve que escolher outra rainha para coroá-la. (GUILLEN, 2004)

E o jogo continua. Performance e ritual no ressurgimento do Maracatu Elefante

Em 1985, um complexo jogo de memória foi novamente encenado no Recife em torno do ressurgimento do Maracatu Elefante. Diz a tradição oral entre os maracatuzeiros do Recife que Dona Santa teria manifestado o desejo, pouco antes de sua morte, de que seu maracatu não mais desfilasse. Apesar de uma de suas filhas ter se posicionado como possível continuadora do Elefante, um forte grupo do maracatu e de pessoas a ele relacionadas manifestou acirrada oposição e que a vontade da rainha deveria ser respeitada. Há quem diga que ela teria registrado em cartório esse desejo. Controvérsias a parte sobre as questões de memória, o fato é que o Elefante foi literalmente para o museu, e seu acervo recolhido pelo Museu do Homem do Nordeste que com ele montou um importante setor de sua exposição permanente. Calungas, cetro e coroa, vestidos e estandarte ainda hoje estão lá no museu. Mas o Elefante voltou para as ruas. Não sem muita discussão.

Desde Pereira da Costa, no início do século XX, que vinha se profetizando o fim dos maracatus. E Katarina Real, ao participar da Comissão Pernambucana de Folclore, preocupada com esse provável desaparecimento, incentiva o antigo rei de Dona Santa a fundar um novo maracatu. Eudes não se faz de rogado, cria o Porto Rico do Oriente e é coroado em cerimônia pública que a folclorista americana organiza para dar legitimidade a esse novo maracatu, de acordo com a tradição (REAL, 2001). O maracatu de Eudes também deixa de ir às ruas quando o babalorixá morre, mas a reativação do Porto Rico no Pina, pela rainha Elda e outros vai abrir um precedente importante. Ainda que muito contestada pelos familiares de Eudes, Dona Elda se proclama continuadora do maracatu de Eudes, e firma legitimidade aos poucos entre os maracatuzeiros. Da reativação do Porto Rico participaram não só maracatuzeiros, mas folcloristas, personalidades renomadas deram seu apoio, e membros da Federação Carnavalesca. E aqueles que ficaram insatisfeitos com o processo, que foram alijados do comando do Porto Rico, anos depois viram novamente a oportunidade surgir quando Dona Madalena ficou sem trono.

O ressurgimento do Elefante é recoberto de discussões e controvérsias. Em primeiro lugar, tratava-se de um “desrespeito” para com a vontade da mais autêntica das rainhas. Mas, bradavam aqueles que queriam tirar o Elefante do museu, onde está o documento que Dona Santa bota o maracatu no museu? Não existe! E precisa, respondem os guardiães da vontade da rainha... Nesse vai ou não vai o maracatu foi pras ruas, com Dona

Madalena e Mário Miranda como reis e rainhas. E é nesse momento que a história da coroação de Madá entra em circulação para legitimar a reativação do maracatu e sustentar a nova rainha como a legítima sucessora de Dona Santa.

O Diário de Pernambuco publicou uma extensa reportagem sobre a reativação do Elefante, no dia 07 de fevereiro de 1986, em que afirma ser Madalena a sucessora de Santa, uma vez que, aos 72 anos de idade “ é as mais antigas e competentes rainhas de maracatu da cidade”, além de “mais antiga ialorixá do ritual nagô”. A rainha Madalena vai ocupar esse posto até sua morte, em 2002, e não perdia a oportunidade de executar uma performance em que se posicionava como a sucessora de Santa. Lima (2006) argutamente observou que até a história do jipe foi posta em cena. Essa é uma performance na qual Dona Santa ficou famosa já em sua velhice, pois devido à idade avançada não conseguia mais andar e dançar. Por isso, a prefeitura da cidade colocou um jipe à sua disposição, e a bordo do mesmo Dona Santa continuou a desfilar até o seu último carnaval. Pois Dona Madalena fez a mesma coisa, e apesar de no cotidiano estar nos últimos anos presa a uma cadeira de rodas, no carnaval acionava um jipe para poder cumprir seu papel de rainha e adentrar a passarela com toda a dignidade real.

O que me parece fundamental destacar nessas memórias e nos jogos que engendra, é a força que rituais e performances exercem para retirar fatos comesinhos, corriqueiros e mesmo ordinários de seu cotidiano para lhes conferir um significado simbólico e legitimidade social e política. Aspectos, aliás, bastante destacados por Turner e Schechner (TURNER e BRUNER, 1986; SILVA, 2005) Dona Madalena, ao que tudo indica, soube sair de uma perigosa liminaridade para a consolidação de sua posição como rainha e afirmação das estruturas/tradições do maracatu. Ao conseguir, através do jogo de memórias se situar como a sucessora de Dona Santa, Maria Madalena contribuiu para a consolidação não só um modelo de maracatu, mas se posicionou na comunidade de que fazia parte junto com os afro-descendentes como uma matriarca e mãe de santo de poder. Essa legitimidade e visibilidade públicas, não lhe foram conferidas apenas pelos rituais religiosos, por sua força e axé, mas numa relação de reciprocidade com o cetro e a coroa de rainha de maracatu. Ressalte-se também que em todas essas circunstâncias, não importa muito o vivido, mas sim a força dos mitos que souberam construir. (PASSERINI, 1993)

Referências bibliográficas:

- BRITO, Ronaldo Correia de. *A rainha sem coroa*. **Terra magazine**. 24 de janeiro de 2007. <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,O11365892-EI6788,00.html>
- GUILLEN, Isabel C. M. *Maracatus-nação entre os modernistas e a tradição: discutindo mediações culturais no Recife dos anos de 1930 e 1940*. **CLIO - Série História (UFPE)**, v.01, p.107 - 135, 2003.
- GUILLEN, Isabel C. M. *Rainhas Coroadas: história e ritual nos maracatus-nação do Recife*. **Cadernos de Estudos Sociais** da Fundação Joaquim Nabuco (Recife/PE). , v.20, p.39 - 52, 2004.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Luiz de França, Maria Madalena e Elda Viana – entre a tradição e a inovação: as disputas dos maracatuzeiros por espaços na sociedade recifense nos anos 1980*. In: **Anais Eletrônicos: III Simpósio nacional de História Cultural da ANPUH**. Florianópolis – SC, 2006,
- PASSERINI, Luísa. *Mitobiografia em História Oral*. **Projeto História**, São Paulo, n, 10, p. 29-40, dez 1993.
- PEIXE, César Guerra. **Maracatus do Recife**. Recife, Prefeitura da Cidade do Recife/ Irmãos Vitale, 1980, 2ªedição.
- REAL, Katarina. **Eudes, o rei negro do maracatu**. Recife, Massangana, 2001.
- SILVA, Rubens Alves da. *Entre “artes” e “ciências”:* a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 35-65, jul. – dez. 2005.
- TURNER, Victor; BRUNER, Edward. **The anthropology of experience**. Chicago, University of Illinois Press, 1986.